

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-MA-005

Entrevistado: Benedito Viana

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Mariana / Vagão Oficina de Vídeo e Sala de Histórias

Data da entrevista: 10/10/2006

Horário da entrevista: 14h20min

Duração da entrevista: 51min34seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Josanne Guerra Simões, Eder Donizete de Melo (monitor)

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Rafael Almeida Santos (monitor)

Assistente: Rosilene Magda Figueiredo (monitora)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Eder Donizete de Melo

Data da transcrição: 10/11/2006

Conferência de fidelidade: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Data da conferência: 27/11/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Keka Simões – Senhor Benedito, o senhor poderia nos dizer seu nome completo?

Benedito Viana – Benedito Viana.

Keka Simões – Quando e onde o senhor nasceu?

Benedito Viana – Eu nasci em Passagem de Mariana¹, em 23 de setembro de 1939.

Keka Simões – Qual era o nome dos seus pais?

Benedito Viana – José Alves Viana e Maria das Flores Viana.

Keka Simões – Onde seu pai trabalhava?

Benedito Viana – Na ferrovia.

Keka Simões – Em Passagem?

Benedito Viana – Em Passagem.

Keka Simões – Qual era a função dele?

Benedito Viana – Conserva².

Keka Simões – E sua mãe?

Benedito Viana – Era doméstica.

Keka Simões – Doméstica, ficava em casa.

Benedito Viana – Ficava em casa.

Keka Simões – O senhor tem irmãos?

Benedito Viana – Tenho.

Keka Simões – Quantos? Onde eles trabalham, o que fazem?

Benedito Viana – Nós éramos 11 irmãos. Algum deles trabalhava na Siderúrgica Nacional. Só um trabalhava na ferrovia. E dois – eu e um outro – trabalhamos na Companhia da Passagem.

Keka Simões – A Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda³?

Benedito Viana – Em Volta Redonda.

Keka Simões – O senhor trabalhou em algum outro lugar antes de trabalhar na Companhia Minas da Passagem?

Benedito Viana – Não, não. Antes não, só depois.

¹ Distrito de Mariana, por onde passava um trecho do Ramal da Ponte Nova, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía uma estação ferroviária.

² Atividade relacionada à conservação da Via Permanente.

³ Município do Rio de Janeiro.

Keka Simões – Quando e por que o senhor foi trabalhar na Companhia?

Benedito Viana – Por que eu fui trabalhar na Companhia de Passagem?

Keka Simões – É.

Benedito Viana – Contar o natural. Meu pai mexia na Central⁴ e tinha uns animais para ajudar no custeio de casa. Eu cuidava... Os meninos mais novos cuidavam de umas vaquinhas. E eu cheguei à idade que um rapaz quer qualquer coisa e naquela época era muito difícil. Você queria ir a um cinema e não tinha dinheiro. Então eu fui apertando meu pai e meu pai sempre... Naquela época, ele era meio rígido, não é? Um dia eu disse para ele: “Olha, eu não quero mais mexer com criação. Enjoei”. De manhã, tirava leite de vaca, buscava criação no pasto... O dia inteiro! Sábado, domingo, tudo... Não tinha folga: era direto! Aí ele falou: “Olha, você não quer mais mexer com criação?” “Não.” “Então, você vai caçar serviço”. Era a resposta naquele tempo. “À toa você não fica em casa”. Como eu tinha amizade com as pessoas que trabalhavam na Companhia Minas da Passagem, eu andei conversando com um, conversando com outro... Falou: “Vai lá na Companhia”. Naquela época, as crianças tinham muito valor na Companhia, sabe? Aí eles me colocaram na Companhia, como bocha.

Keka Simões – Bocha?

Benedito Viana – É.

Keka Simões – O senhor tinha que idade mais ou menos?

Benedito Viana – Quatorze anos.

Keka Simões – O que era bocha?

Benedito Viana – Bocha era... Eles fichavam assim... Fichavam, não. Colocavam como bocha para buscar um cigarro para os profissionais que estavam trabalhando, buscar almoço, levar um recado. Era tipo um correio, um correio sem selo, como eles diziam. [riso] Então a gente fazia... Até chegar a uma idade, mais ou menos, de enfrentar... Você ia acostumando, ajudando nas horas de folga, pegava uma ferramenta para um, naquele cotidiano, entendeu?

Keka Simões – Nesse cotidiano, o senhor aprendeu sua profissão e mudou de...

⁴ Estrada de Ferro Central do Brasil.

Benedito Viana – Em 1956, eles me ficharam como menor. Fui trabalhar na conserva da Banca do Rego, um rego de água. Para baixo de Ouro Preto, tinha uma represa de onde saía uma banca – a Banca do Rego – que ia tocar as máquinas na Companhia.

Keka Simões – Lá em Passagem?

Benedito Viana – Para tocar as máquinas da Companhia. As máquinas da Companhia eram todas tocadas com essas águas que vinham do rego. Quer dizer, as rodas que puxavam os carretões da mina, os compressores, a oficina e alguma máquina da usina elétrica. Eu fiquei fichado trabalhando nessa conserva durante quatro anos, até eles acharem que eu tinha uma idéia melhor e me levarem para a oficina.

Keka Simões – Na conserva da Banca do Rego qual era a função do senhor?

Benedito Viana – Era serviço braçal. Todo tipo de serviço braçal.

Keka Simões – Depois o senhor foi transferido para a oficina?

Benedito Viana – Fui transferido para a oficina.

Keka Simões – O senhor aprendeu com quem já trabalhava lá?

Benedito Viana – É. As pessoas mais antigas iam ensinando os nomes das ferramentas, as medidas, aqueles troços todos. A gente ia acompanhando. A gente entrava como ajudante, carregando a mala de ferramenta para o profissional. Com o tempo – levava anos! – é que a gente aprendia alguma coisa. Eu só consegui ser classificado depois de 10 anos mais ou menos em que estava na firma. Assim mesmo porque eu briguei muito o [pé]⁵ para poder ser classificado como mecânico.

Keka Simões – Nessa época, o nome da Companhia era Companhia Minas da Passagem?

Benedito Viana – Companhia Minas da Passagem.

Keka Simões – Certo. Em que consistia esse trabalho da mecânica? Vocês davam manutenção em todo equipamento?

Benedito Viana – No princípio, nós dávamos manutenção nos equipamentos da Mina, no Engenho... Era a Mina, Engenho... Nós dávamos manutenção nesses equipamentos.

Keka Simões – A Mina é uma coisa e o Engenho é outra?

⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Benedito Viana – É. O Engenho era para onde ia o minério da Mina, para ser refinado e apurado. Nós dávamos manutenção nesses dois lugares.

Keka Simões – Qual era o horário de trabalho?

Benedito Viana – Na época, era das sete às quatro⁶. E trabalhava aos sábados também.

Keka Simões – Certo. O senhor morava perto da Mina?

Benedito Viana – Era retirado uns dois, três quilômetros.

Keka Simões – Como o senhor ia?

Benedito Viana – Ia a pé. A pé. Era essa a condução.

Keka Simões – Tinha intervalo para descanso durante o dia?

Benedito Viana – Só hora de almoço. Hora de almoço, só.

Keka Simões – Quem fornecia o almoço?

Benedito Viana – Ah, a gente levava marmita de casa! Esquentava em cima do zinco com areia quente. [risos] A gente punha o zinco, punha a areia, punha fogo embaixo e a marmita em cima. E esquentava.

Keka Simões – O senhor tinha direito a férias?

Benedito Viana – Tinha. Depois que estivesse fichado, tinha direito a férias. Mas, na maioria das vezes, a gente vendia as férias. Dificilmente a gente tirava férias, porque a Companhia negociava as férias com a gente, sabe? A gente precisava, porque o salário era muito pouco. Se ficasse parado, ia fazer o quê? Ia para onde? Então, era preferível trabalhar, não é?

Keka Simões – No final de semana, no dia de folga, o que o senhor e sua família gostavam de fazer? Vocês tinham algum lazer, alguma coisa em Passagem...

Benedito Viana – Não. Não tinha lazer nenhum. Era só o cinema, na época.

Keka Simões – Ah, o cinema?

Benedito Viana – Só o cinema. Isso aí era direto. E os bailes. Porque tinha o Sorriso, na época, e o Vinte e Nove. O Vinte e Nove era para uma classe mais elevada: só o pessoal da Companhia que tinha assim mais moral, diretoria, aquele troço todo. Quer dizer, na gíria, peão não entrava! [riso]

Keka Simões – Eram clubes? Tinha um chamado Vinte e Nove e outro, Sorriso?

⁶ Das sete horas da manhã às 16 horas.

Benedito Viana – Sorriso da Infância. Até hoje ainda tem o Sorriso da Infância.

Keka Simões – É no mesmo lugar?

Benedito Viana – No mesmo lugar.

Keka Simões – Onde, em Passagem?

Benedito Viana – Onde tem a igreja ali, você entra na direção assim daquela rua, que se chama Rua do Meio, não é?

Keka Simões – Rua do Meio?

Benedito Viana – É. Tem o Sorriso da Infância.

Keka Simões – Tinha baile lá?

Benedito Viana – Tinha baile, direto. A gente ia para os bailes. Como [inaudível] idade, mais idade, a gente vinha para Mariana, para as festas. Vinha e voltava a pé.

Keka Simões – A Companhia fornecia algum tipo de auxílio ou algum tipo de benefício para o funcionário ou para a família do funcionário?

Benedito Viana – Nada, nada. Naquela época, só mesmo a Caixa, não é? Nem tinha... Não se falava INPS⁷. Era Caixa, não é?

Keka Simões – Isso era descontado do salário?

Benedito Viana – Era descontado do salário, entendeu?

Keka Simões – A quem o senhor era subordinado? Quando se tornou mecânico, foi fichado e tal, como era a hierarquia dentro da Mecânica? Quem trabalhava ali?

Benedito Viana – Trabalhavam um encarregado, outro encarregado geral e o engenheiro, dentro do escritório. E o diretor da Companhia. Somente esses.

Keka Simões – Esses são os cargos gerais da Companhia?

Benedito Viana – Certo. São esses, são esses.

Keka Simões – Não são só da parte da Mecânica, não?

Benedito Viana – Não, não. Gerais da Companhia.

Keka Simões – Qual era o número aproximado de funcionários que a Companhia tinha na época em que o senhor trabalhou?

Benedito Viana – Na época em que trabalhei, eram aproximadamente 1800 funcionários. A Mina tocava três horários e tinha muito funcionário.

⁷ Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS, Instituto Nacional de Seguridade Social.

Keka Simões – A Companhia tinha algum regulamento que devia ser seguido pelos funcionários?

Benedito Viana – Um dos regulamentos que na época eu achava que eles exigiam muito... Eles tinham um armazém e a gente era obrigada a comprar no armazém. Era obrigada. O diretor da Companhia de Passagem, Júlio Mourão Guimarães, era um homem inteligente. Ele não deixava o dinheiro sair de dentro da Companhia, você entendeu? A Companhia tinha um armazém que tinha tudo o que você precisava e por um preço melhor do que em outros mercados. Então, o que acontecia? Todo mundo tinha um caderno, a gente comprava no armazém. Quando chegava o pagamento, você ia ao escritório e recebia uma ficha, ia ao armazém e descontava tudo. Você pagava tudo ali, você não via o dinheiro.

Keka Simões – O dinheiro acabava não aparecendo, não é?

Benedito Viana – Acabava tudo. Se, caso... Às vezes... Eles ficavam vigiando muito, sabe? No meu caso, eu era solteiro e comprava para a minha família. Quer dizer, se em um mês eu deixava sobrar um pouquinho de dinheiro para mim, eles queriam saber por que não comprei mais. Eu tinha que comprar mais.

Keka Simões – Ah, então eles vigiavam mesmo, não é?

Benedito Viana – Vigiavam para que o dinheiro não caísse na mão do funcionário. O dinheiro não saía de dentro da Companhia.

Keka Simões – E o cinema? Me falaram que o cinema era da Companhia também.

Benedito Viana – Era da Companhia, mas a gente tinha que pagar.

Keka Simões – Não era na caderneta, não? [riso]

Benedito Viana – Não, não! [riso] A gente pagava, pagava.

Keka Simões – Além dessa questão do armazém, o senhor se lembra de alguma norma, alguma lei que vocês tinham que seguir, na rotina da Companhia?

Benedito Viana – A lei era severa no negócio de falta de serviço. Falhou... Ou mesmo no caso... Se adoecesse em um certo espaço de tempo e a gente visse que o funcionário não tinha boa saúde, eles dispensavam. Dispensavam da Companhia, tranqüilamente. Era muito duro assim. Os encarregados eram duros! Não era como hoje, que é uma moleza, os encarregados conversam...

Lá era gritando, com grito, entendeu? E a gente tinha que seguir de cabeça baixa, não podia retrucar, nem dar idéia. Eles não aceitavam idéia! Antigamente não se aceitava idéia. Fazia aquilo que eles mandavam e acabou.

Keka Simões – Por acaso, se não fizesse ou se retrucasse, tinha alguma penalidade?

Benedito Viana – Tinha um tal de balão. Eles chamavam de balão. [riso]

Keka Simões – O que é balão?

Benedito Viana – Eles davam uma pena de três dias em casa. Ficava sem receber nada. Três dias em casa.

Keka Simões – O senhor recebeu balão?

Benedito Viana – Não, não! Nem advertência! Tinha uma advertência antes. Nem advertência eu nunca recebi, graças a Deus!

Keka Simões – A advertência era por escrito?

Benedito Viana – Por escrito.

Keka Simões – Certo. Os funcionários usavam algum tipo de uniforme?

Benedito Viana – Não, não. Meu uniforme... É até gozado contar. Quando eu cheguei à Companhia, o encarregado era muito ruim e eu não fui preparado para trabalhar na Companhia porque era... Eu fui descalço e com calça curta, porque antigamente se usava. Aí o encarregado, que não tinha bom coração... Como eu era filho de ferroviário, e não filho de funcionário da Companhia, eu não tinha muito cartaz.

Keka Simões – Ah... O senhor era filho de gente de outra...

Benedito Viana – Eu era filho de ferroviário. Então, o que ele fez? Em umas casas onde moravam uns engenheiros tinha árvore de espinhos, não é? Muito espinho! Eu fui chegando e ele falou comigo: “Esse é o menino que veio para aqui?” “Foi.” “Manda pegar uma foice e me acompanhar”. Aí o tal... Chamava-se Frederico⁸. Acompanhei-o com a foice, ele chegou lá e falou: “Você vai podar essa árvore toda aí”. Eu falei assim: “Tudo bem. Eu vou podar”. E fiquei pensando como ia fazer, porque eu não tinha condições! Voltei à Companhia – eu tinha um irmão que trabalhava na Companhia, na carpintaria... Chamava-se Oswaldo⁹ e faleceu há uns quatro meses. Eu falei: “Ô, Oswaldo! Arranja um tamanco para mim”. Na Companhia usava-se muito tamanco. Eles trabalhavam

⁸ O entrevistado não mencionou o nome completo.

⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

muito com tamanco. Então ele fez um tamanco rapidinho lá na carpintaria. Fez o tamanco para mim e eu fui à oficina de veículo, na época. Pedi ao cara duas câmaras de ar, cortei-as, coloquei na perna e as embotoei¹⁰ no tamanco. Fui lá e rocei tudo. Quando foi de tarde, cheguei... Todo mundo rindo de mim... Eu cheguei e ele falou assim... O homem falou assim: “É, chefe...”. Eles chamavam o outro de chefe, o chefe chamando o outro de chefe: “É, chefe. Esse menino é danado! [riso] Esse menino é danado!”

Keka Simões – Mas o senhor não se picou no espinho, não é?

Benedito Viana – Não! De jeito nenhum, de jeito nenhum!

Keka Simões – Como era o espaço físico da Companhia? O senhor já me falou da Mina e do Engenho...

Benedito Viana – Certo.

Keka Simões – O que mais a compunha? Que tipo de prédio tinha? O que funcionava em cada um? Existem umas casas, como o senhor falou... Tem uma casa do engenheiro, não é?

Benedito Viana – Existiam, na época, as casas dos engenheiros e as casas dos funcionários da Companhia. E tinha um refeitório. Mas o refeitório era mais só para o pessoal da Mina, que trabalhava dentro da Mina. Na época, eles iam à chamada Zona da Mata¹¹, aqui para baixo, buscar gente para trabalhar na Mina. Traziam 20, 30, 40 pessoas para trabalharem, por contrato, dentro da Mina. Eles não eram fichados, porque trabalhavam geralmente só um ano ou dois.

Keka Simões – Por quê?

Benedito Viana – Por causa da silicose. A silicose os destruiu.

Keka Simões – Dava doença, não é?

Benedito Viana – O pulmão enchia de malacacheta. Então eles traziam esse pessoal que morava nos barracões: barracão de solteiro e barracão de casado.

Keka Simões – Ah! Tinha barracão de casado também?

Benedito Viana – Tinha.

Keka Simões – Vinha com a família?

¹⁰ No sentido de embutir.

¹¹ Localiza-se a sudeste do estado de Minas Gerais, limitando-se com as microrregiões Alto Rio Grande, Campos da Mantiqueira, Espinhaço Meridional, Siderúrgica, Bacia do Suaçuí, Governador Valadares e Bacia do Manhuaçu, e ainda com os estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. É formada por oito microrregiões e 143 municípios.

Benedito Viana – Vinha com a família. Para quem viesse com a família.

Keka Simões – Onde ficavam esses barracões?

Benedito Viana – Um ficava assim... Antes do viaduto, tinha um barracão grande ali. Onde tem aquela Vila São Vicente¹², do outro lado, tinha outro barracão. Na estrada ali, naquela curva onde costuma cair carro...

Keka Simões – Dentro de Passagem...

Benedito Viana – Do lado de cima, na saída, na estrada por fora de Passagem...

Keka Simões – Sei, sei.

Benedito Viana – Na parte de baixo ali tinha um barracão muito grande. Os barracões eram assim: barracão número 1, barracão número 2, barracão número 3. Por número, sabe?

Keka Simões – Certo. Então, para essas pessoas tinha um refeitório que a Companhia fornecia...

Benedito Viana – Fornecia a comida para elas.

Keka Simões – Além dos barracões, tinha o refeitório, a Mina... Era só aquela Mina que existe hoje ou havia outras?

Benedito Viana – Não, não! As três Minas – Pia 1, Pia 2 e Pia 3 – eram as Minas de trabalho, de movimento mesmo. Essa Mina de visitante, hoje, era uma das menores que tinha antigamente.

Keka Simões – Essa não era nenhuma dessas aí: Pia 1, Pia 2, Pia 3?

Benedito Viana – Não, não.

Keka Simões – Onde ficavam localizadas essas...

Benedito Viana – A senhora já foi à Companhia de Passagem?

Keka Simões – Já.

Benedito Viana – É atrás daquele escritório, na parte de baixo. Lá tem ainda... Estão lá até hoje as rodas que puxavam os carretões. Aquilo era um movimento louco! Para você ver se conseguia passar, você tinha que dar um tempo, pelo menos para você passar assim no meio da rua, no meio do movimento daqueles carretões que vinham... Eram três Minas assim¹³... Uma

¹² Bairro de Passagem de Mariana.

¹³ Paralelas umas às outras.

no meio... E saíam os carretões lá de dentro, cheios de minério, para o chute¹⁴. O chute era onde caía o minério, sabe? Eles jogavam os carretões e caía o minério.

Keka Simões – Era nesse chute que se apurava o ouro? Como era?

Benedito Viana – Não. Nesse chute o minério descia e ia para as mãos de engenho, como se chamava. Eram umas caixas – chamavam mãos – onde eles socavam o minério. Dali ia para as mesas. Nas mesas é que se apurava o ouro. As mesas tremiam todas. O barulho era tanto... Era muita mão de engenho! Você podia conversar e ninguém entendia o que a pessoa falava, de tanto barulho! Geralmente, a pessoa que trabalhava lá, direto, ficava com problema de audição.

Keka Simões – Porque não tinha equipamento...

Benedito Viana – Não tinha equipamento.

Keka Simões – ... de segurança.

Benedito Viana – De segurança. A maior parte deles.

Keka Simões – Esse minério, na hora em que era socado, ia para a mão de engenho para separar o que era ouro. Depois, para onde o minério era levado?

Benedito Viana – Jogado no rio.

Keka Simões – No rio?

Benedito Viana – Jogado, despejado no rio.

Keka Simões – O rejeito era...

Benedito Viana – O rejeito era jogado no rio. O rejeito junto com cianureto, com soda... Tudo caía no rio, antigamente.

Keka Simões – Para que eram usados o cianureto e a soda?

Benedito Viana – Na apuração do minério. E um material que saía do Engenho, saía do meio do minério, eles aproveitavam e levavam para o arsênico. Tinha fábrica de arsênico também: eles secavam aquele material – tinham fornos – e produziam o arsênico.

Keka Simões – Esse arsênico era vendido...

Benedito Viana – Era vendido.

Keka Simões – ... para fora.

¹⁴ Palavra de origem inglesa (*shutt*) que designa o dispositivo de transferência de minério, de controle de descarga de um material armazenado (em silo, britador etc), para carregamento em caminhão ou correia transportadora.

Benedito Viana – Para fora.

Keka Simões – O senhor falou da casa de moradia, dos refeitórios e dos barracões. Tinha a casa do engenheiro. Outro tipo de funcionário tinha o direito de morar em alguma casa da Companhia?

Benedito Viana – Não, não. Só os funcionários da Companhia.

Keka Simões – Mas quais tipos de funcionário podiam morar?

Benedito Viana – Todos. Qualquer um deles podia. Se fosse funcionário da Companhia podia morar; se a casa estivesse vaga podia morar, tinha o direito. Só tinha exceção de casa: nas casas melhores ficavam aqueles engenheiros, aqueles troços.

Keka Simões – E nas outras...

Benedito Viana – E nas outras, menores, os encarregados. Todos tinham casas. Tudo separado, diferente.

Keka Simões – O senhor chegou a morar em alguma casa da Companhia?

Benedito Viana – Não, não. Meu pai tinha casa, ele era ferroviário, não é? Ele tinha casa e toda vida eu morei...

Keka Simões – O senhor falou que o minério saía da Mina em carretões e que funcionários contratados trabalhavam lá dentro. Esse trabalho era manual?

Benedito Viana – Todo manual. Eles entravam na Mina com os marteletes...

Keka Simões – Martelete?

Benedito Viana – É. Os maquinistas furavam, davam tantos furos – os lugares têm aquela quantidade de furos. Aí vinham os carregadores, que carregavam os fogos, não é? Carregavam. Vinha um outro para acender. Aí detonava, dava só um espaço de tempo pequeno para poder acabar aquela poeira. Aí entrava o pessoal chamado de miçaleiro¹⁵...

Keka Simões – Miçaleiro?

Benedito Viana – É. Pá, picareta e tal para tirar aquelas pedras e colocar nos carretões porque tinha... A Mina tem... A mesma coisa de uma via preferencial. Tinha o que se chama de cabeceira e, na via preferencial, tinha o chute. Eles detonavam nas cabeceiras, vinham com o carretão, jogavam no chute da linha preferencial. A mesma coisa de uma via preferencial. Ali os carretões puxavam

¹⁵ Aquele que retira a miuçalha.

para fora. E esses carretões pequenos, que ficavam com duas pessoas, enchiam e vinham cá e jogavam no chute das cabeceiras.

Keka Simões – Esse carretão era puxado pela força da água?

Benedito Viana – Da água. Roda d'água. Tem lá até hoje. Um dia, se eles deixarem vocês fotografar, tem a roda e tem o lugar dos cabos. Os cabos eles tiraram. Mas ainda tem.

Keka Simões – Que tipo de acidente podia acontecer na Mina?

Benedito Viana – Isso diariamente... Fogo falhado era o principal.

Keka Simões – O que é fogo falhado?

Benedito Viana – Tinha uma pessoa para contar lá dentro: sentava e contava quantos fogos explodiam. Às vezes, ele esquecia um; ele não sentia que não saiu. No outro dia entrava o maquinista para furar e dava a falta de sorte... Ele ia justamente para aquele furo que já tinha começado a furar – a dinamite já estava lá dentro. Aí estourava, a pedra estourava tudo e matava.

Keka Simões – Isso acontecia...

Benedito Viana – Acontecia diariamente. E choco também, como era chamado.

Keka Simões – Choco? O que é choco?

Benedito Viana – É um material que desprendia do teto. Às vezes, algum material que desprendia do teto com aquele punhado de terra – que eles chamavam de choco – caía em cima da pessoa e matava. Outra hora o cabo... Ele bobeava, aquele cabo correndo... A senhora já entrou lá na Mina?

Keka Simões – Já.

Benedito Viana – A senhora já viu aquele cabo correndo assim? Eram muitos carretões correndo daquele jeito. Às vezes, o sujeito bobeava. Pegava a pessoa entendeu?

Keka Simões – O cabo pegava?

Benedito Viana – O cabo pegava e embolava a pessoa. Como já aconteceu... O último, que morreu, morreu justamente na frente de um carretão daqueles, que estava subindo em alta velocidade. Ele vinha... Acho que ele escorregou e vinha o carretão, que o trouxe na frente, embolado. Ele se chamava, até lembro, Geraldinho¹⁶.

¹⁶ O entrevistado não mencionou o nome.

Keka Simões – Quando acontecia o fogo falhado ou o choco, como se fazia o socorro ou como se desobstruía a parte? Tinha funcionário para isso?

Benedito Viana – Tinha, tinha uma tal de... Tipo uma ambulância, que ficava na porta da Companhia. E ficava a máquina também, na porta da Companhia, na porta da Mina. Então tinha um sinal... Tinha um fio lá dentro. Ele dava sinal. Quando dava um acidente grave, tinha um sinal. Aí eles desciam com aquela máquina, pegavam a pessoa, traziam, punham na ambulância e levavam.

Keka Simões – O senhor lembra como era o sinal? Era um som, barulho?

Benedito Viana – Era uma campainha. Você já viu uma maquininha, uma campainha que tem lá na [inaudível]. Aquela também... A campainha ainda tem naquela Mina que funciona.

Keka Simões – Aí avisava e levava para o hospital?

Benedito Viana – Levava para o hospital, quando tinha condições de levar. Às vezes, não tinha condição de levar. Levava direto para o necrotério.

Keka Simões – Lá tinha hospital?

Benedito Viana – Tinha hospital.

Keka Simões – Hospital da Mina?

Benedito Viana – Um dos melhores hospitais desta redondeza, não é? O Hospital da Companhia Minas da Passagem foi um dos melhores hospitais. Tinha todo equipamento.

Keka Simões – Onde funcionava o hospital?

Benedito Viana – Sabe onde é o Campo do União¹⁷, indo para a Vargem¹⁸...

Keka Simões – Vargem?

Benedito Viana – É. Era na parte de cima do Campo do União. Os alicerces dele até hoje estão lá.

Keka Simões – Se alguém adoecesse, o senhor ou alguém da sua família podia usar o hospital da Companhia?

Benedito Viana – Podia. O hospital era dos funcionários que precisassem. Inclusive, usava-se um sistema que eu achava até muito bom. Quando o sujeito se acidentava, ele ficava no hospital. Se ele tivesse condições de andar... O hospital tinha uma horta muito bonita, com muita laranja... Eles

¹⁷ Time de futebol de Passagem de Mariana.

¹⁸ Subdistrito de Mariana.

punham a pessoa no pátio, na horta. Ela não ficava dentro do hospital, isolada. O sujeito, às vezes, estava só com o braço machucado. Ficava lá.

Keka Simões – Ficava na horta, podia mexer na horta...

Benedito Viana – Podia mexer qualquer coisa lá. Era até muito bacana.

Keka Simões – O senhor falou que o minério saía da Mina nos carretões, depois ia para a mão de engenho e fazia-se a apuração do ouro. Bom, uma mina de ouro. Como era feita a segurança da Mina?

Benedito Viana – Segurança interna?

Keka Simões – Policial, interna. Tinha isso? Porque o [inaudível].

Benedito Viana – Tinha segurança de acidente, não é? Eles faziam tipo esses muros com pedra, não é? Eles iam segurando... Tem com pedra ou madeira. Tinha muita madeira. Agora, você está falando sobre a segurança...

Keka Simões – Essa é a segurança da própria Mina.

Benedito Viana – Da própria Mina.

Keka Simões – Para não ter acidente.

Benedito Viana – Não ter acidente.

Keka Simões – E segurança no sentido de evitar roubo, ou extravio, ou ladrão, sei lá...

Benedito Viana – Não. Isso aí não tinha. Não tinha sistema nenhum. Tinha só uma guarita – onde era uma tal de Química – com guarda que ficava lá, direto. Ele tinha comunicação com outro guarda, cá da portaria, entendeu? Era por intermédio de apito a ar comprimido.

Keka Simões – Um avisava o outro?

Benedito Viana – É. Se precisasse de um socorro imediato, com o apito ele avisava o da portaria para tomar providência.

Keka Simões – Para entrar na Mina, no próprio complexo da Companhia, tinha que apresentar alguma identidade, alguma coisa? Como era o trânsito lá dentro?

Benedito Viana – Dos funcionários?

Keka Simões – Funcionários e pessoas de fora. Se alguém quisesse entrar, como fazia?

Benedito Viana – Geralmente, as pessoas de fora não entravam, não é?

Keka Simões – Os funcionários tinham...

Benedito Viana – Na época tinha uma plaquinha, sabe? Tipo uma moeda com um número. Aquilo servia para você pegar o gasômetro. Se você precisasse de um gasômetro, você ia lá e pedia o gasômetro. Eles pegavam sua plaquinha e colocavam no lugar do gasômetro. A responsabilidade era sua, você não podia retirar aquela... Era tipo uma moeda assim de cobre, com aquele número que você tinha, sua identificação na Companhia.

Keka Simões – Todo mundo que trabalhava tinha uma moeda dessa?

Benedito Viana – Tinha.

Keka Simões – Com um número?

Benedito Viana – Como identificação.

Keka Simões – Na hora de chegar para o serviço tinha que mostrar?

Benedito Viana – Tinha que mostrar. Você tinha que estar com ela. Trabalhava... Na época nós chamávamos de ferro velho. Eu fui trabalhar no ferro velho. Lá, o Zeca Cavalcanti¹⁹ que era o chefe mais... Então ele que... De manhã cedo, trabalhavam assim umas 16, 17 pessoas. Os outros encarregados iam lá pedir gente emprestada. Nós achávamos gozado porque, às vezes, eles não sabiam o nome e falavam: “Me dá dois ali de casquete”. Casquete é um bonezinho. “Aquele de botina. Me dá aquele de botina.” “Me dá aquele escurinho lá”. Pelo nome mesmo... Nem pelo nome chamava atenção.

Keka Simões – Nem conhecia pelo nome.

Benedito Viana – É. Nem conhecia pelo nome. A gente... “Vai trabalhar com Fulano.” “Vai trabalhar com Sicrano”.

Keka Simões – O senhor sabe como o ouro era transportado para fora de Passagem de Mariana?

Benedito Viana – Como ele era transportado?

Keka Simões – É.

Benedito Viana – Oh, há muitos anos ele ia pela Central, mas tudo em sigilo. Ultimamente, eu cheguei a levar ouro para Belo Horizonte²⁰, mas aí já era... Eu já levei até em ônibus Pássaro Verde²¹.

Keka Simões – É mesmo?

Benedito Viana – É.

¹⁹ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁰ Capital de Minas Gerais.

²¹ Viação Pássaro Verde.

Keka Simões – Mas aí quase ninguém sabia.

Benedito Viana – Sem saber também. Eles vendiam o ouro... Ultimamente, em Passagem, eles começaram a vender o ouro para... Quando eles compraram laminador, fundia-se o ouro, laminava e fazia as placas. Então vendiam diretamente para as casas de jóias, em São Paulo²². A pessoa comprava três ou quatro quilos de ouro, ou mais [inaudível] placas de tantos milímetros, para levar. Tinha que levar ao aeroporto, em Belo Horizonte. Eles marcavam a hora de entregar o ouro lá e não falavam com a gente, não falavam com ninguém, não comentavam com ninguém. Aquele sigilo. Chamavam a gente, chamavam quem era de mais confiança, como era o meu caso, porque trabalhei na Química ajudando uns tempos... “Troca de roupa aí e vai a Belo Horizonte”. Aí pegava e saía. Tinha uma pasta com um selo igual a esses de chumbo, como esses de placa de carro. Eles apertavam na pasta e davam para a gente, embrulhada, uma faixa escrita “Companhia Minas da Passagem”. Chegava ao aeroporto, ia para lá e colocava a faixa.

Keka Simões – Ah! Punha a faixa?

Benedito Viana – É, ficava esperando. A pessoa que viesse pegar o ouro, vinha até a gente e a gente entregava.

Keka Simões – Aí entregava e eles davam um recibo?

Benedito Viana – Davam um recibo.

Keka Simões – Olha só! E antigamente ia...

Benedito Viana – Antigamente ia pela Central. Já levaram muito de carro, de caminhonete, para Belo Horizonte... Na época quando surgiram os carros, não é?

Keka Simões – O senhor falou da Química. O que era a Química?

Benedito Viana – A Química era o local onde eles levavam o ouro para acabar de refinar. Ele ia em estado bruto. Chegava lá, eles refinavam, fundiam e empilhavam em barras de cinco quilos, não é? Faziam aquelas barras de cinco quilos e faziam aquelas pilhas daqueles lingotes. Lá tem um cofre... Uma casa... Um quarto assim de mais ou menos uns 10 por 10²³.

Keka Simões – Que era o cofre?

²² Capital do estado de mesmo nome.

²³ Dez metros quadrados.

Benedito Viana – É. Uns 40 metros quadrados. Esse cofre está lá até hoje. Ele tem uns 40 metros quadrados. A parede deve ter o quê? Um metro mais ou menos de espessura. As paredes eram forradas de chumbo. Ele tem um cofre com uma porta grandalhona, com um segredo até em inglês. O senhor Marcoff²⁴ era o único que entrava lá.

Keka Simões – Como ele se chamava?

Benedito Viana – Senhor Marcoff, inglês.

Keka Simões – Era um inglês que trabalhava lá?

Benedito Viana – Que trabalhava lá.

Keka Simões – Ele era o quê? Qual era a função...

Benedito Viana – Ele era engenheiro químico. Era ele quem mandava a gente tirar o ouro lá de dentro para trazer para fundir. A gente chegava, pegava os lingotes e levava para onde tinha um laminador. Laminava, aparava as placas, tirava aqueles pedaços que caíam no chão e tornava a botar dentro do cadinho. O cadinho era onde fundia o ouro, não é? Fundia outra vez, outra vez [inaudível].

Keka Simões – E voltava...

Benedito Viana – Voltava e guardava no cofre. Era tudo nesse sistema. Sobre a vigilância que a senhora estava falando, a vigilância maior era que a gente era vigiada. Como a gente tinha um movimento... Como disse sobre o controle de caderno lá na Companhia. Todo funcionário... Se uma pessoa comesse a melhorar de vida, se comprasse uma coisa que não... “Mas como o sujeito conseguiu comprar se o dinheiro dele ficou agarrado aqui?” Você entendeu?

Keka Simões – Ah! Então eles faziam esse controle da vida!

Benedito Viana – Controle, é. Uma bicicleta... Vamos dizer, na época saiu uma bicicleta: se a pessoa comprasse uma bicicleta, eles iam estudar como ela havia conseguido comprar aquela bicicleta. Existe um caso do meu irmão mais velho: uma vez ele quis comprar uma casa da Companhia. Chegou perto do diretor e falou: “Ô, Seu Júlio! Eu tenho vontade de comprar uma casinha, um barracãozinho. A Companhia tem muita casa. O senhor não quer vender uma para mim?” Ele olhou para meu irmão e falou assim: “Tudo bem...”. Tirou o relógio do bolso, a corrente do pulso e falou com meu irmão assim: “Compra

²⁴ Nome sujeito à confirmação.

este relógio na minha mão”. Meu irmão falou: “Eu não posso comprar este relógio.” “Por que você não pode comprar este relógio? Compra!” Ele falou: “Eu não posso comprar. Eu não tenho dinheiro para comprar”. Ele falou: “Se você não tem dinheiro para comprar este relógio, como você está querendo comprar uma casa?” Então, era controlado.

Keka Simões – Controlavam a vida de todo mundo.

Benedito Viana – Controlavam a vida de todo mundo por esse sistema que eles usavam. O dinheiro não saía da Companhia e ainda ajudava a controlar.

Keka Simões – Algum funcionário ficava fazendo essa vigilância ou não?

Benedito Viana – O próprio diretor da Companhia. Às seis horas da manhã, ele ia para a cocheira. Tinha cocheira porque eles tinham muito gado. Ele ia para a cocheira, pegava uma mula e ficava andando. Ele chegava à Companhia às oito horas mais ou menos. Mas antes ele andava a vila toda a cavalo, com uma varinha na mão, batendo na bota assim. Ele ficava observando o sistema de vida das pessoas. Ele mesmo era um dos fiscais dessa... Então, se a pessoa começasse... Se sentisse que a pessoa estava melhorando de vida um pouco, tinha que ter uma explicação, porque dinheiro ela não via.

Keka Simões – Existia algum tipo de superstição ligada ao trabalho da Mina? As pessoas falavam sobre alguma proibição em relação à Mina, ao trabalho na Mina?

Benedito Viana – Não, nunca teve.

Keka Simões – Não?

Benedito Viana – Só na época em que teve a enchente, quando morreu aquele pessoal, não é? Morreu... A Mina encheu d'água...

Keka Simões – O senhor lembra quando foi isso?

Benedito Viana – Acho que foi 1938 ou 1939, não sei... A Mina encheu d'água. Eles começaram a fazer aquela história falando que... Tinham ficado umas pás, umas picaretas, depois que se esvaziou a Mina. Então eles ficaram falando que o sujeito vinha pegar aquela ferramenta e vinha uma voz: “Não pega, não!”
[riso]

Keka Simões – Ah, é?

Benedito Viana – Não pegava a ferramenta e saía correndo. Eram aquelas brincadeiras de antigamente.

Keka Simões – Tinha fantasma lá então... [riso]

Benedito Viana – É, uns fantasmas.

Keka Simões – O senhor trabalhou na Companhia Minas da Passagem. Até quando a Companhia esteve mais voltada para a extração do ouro, ainda sem essa parte do turismo? Hoje, ela está muito mais ligada à questão do turismo. Quando mais ou menos isso aconteceu? Como foi? Ela continuava com os mesmos donos ou houve mudança de dono?

Benedito Viana – Não, o que acabou... Foram justamente as mudanças. O Júlio Guimarães comprou a Companhia na mão dos ingleses. Os ingleses eram muito inteligentes. Eles tocavam a Mina e, quando achavam uma reserva muito rica, punham uma placa. Na Mina tinha uma placa de pedra que eles punham naquela reserva: “Reserva tal”, com o teor do ouro, aquele troço todo. Deixavam guardada, não mexiam e continuavam sondando, não é? Se a Companhia caísse em fracasso, eles iam para aquele lugar que era mais rico e controlavam o problema da Companhia. Quando os ingleses venderam a Companhia para o tal de Senhor Júlio Guimarães, ele chegou e a primeira coisa que fez: vendeu a sondadora, acabou com o negócio de sondagem. Tinha muita reserva, ele começou a tocar as reservas. Foi tocando as reservas e foi acabando com as reservas da Mina. Foi quando apareceu a tal de Rampa Nova, uma fase na Companhia. Muito ouro começou a ser produzido, em um espaço de muitos anos. Onde se despejava o rejeito, foi acumulando muito ouro. Esse diretor da Companhia descobriu que lá estava acumulando muito ouro e começou a mandar o pessoal para explorar lá. Manual, sabe? Tirando minério e jogando para cima e depois... Então começou a render muito ouro. Foi quando ele fez o cinema e o Grupo da Passagem²⁵. Entendeu?

Keka Simões – O Grupo também foi feito...

Benedito Viana – Foi feito pela Companhia.

Keka Simões – Pela Companhia, na época do Senhor Júlio.

Benedito Viana – Foi obra do Senhor Júlio. Ele fez a escola. E aí continuou... Esse material encheu esse lugar, enriquecendo todo o aluvião do rio. Quando o Senhor Júlio vendeu a Companhia para seu próprio parente – Moacir Guimarães, primo dele –, esse homem chegou aqui e viu que a Mina estava

²⁵ Grupo escolar.

mais era matando gente e dando prejuízo. Ele pegou e fechou as Minas. Mandou todo mundo embora, sem direito a nada, sabendo que quem estava trabalhando na Mina ia ter pouco tempo de vida. Então, até sair a causa na Justiça, ele ganharia muito com aquilo. Aí ele montou aquelas dragas. A senhora já ouviu falar em draga?²⁶ Essas dragas grandes que ele montou vieram dragando de Passagem até Monsenhor Horta²⁷, para baixo de Monsenhor Horta. Tirou-se muito ouro. Inclusive onde é o Ginásio Poliesportivo²⁸, em Mariana... Nessa época, eu estava trabalhando em apuração, na Companhia. Ele começou a dar prêmio de produção. Naquela época, eu recebi 500 cruzeiros de prêmio de produção em um mês. Foi o maior prêmio que já recebi! O diretor, um tal de Doutor Misk²⁹, era um cara mais aberto e achava que, se o pessoal ganhasse um prêmio no mês, produziria mais, como produzia, não é? Não deixava as máquinas pararem. Aí ele me deu esse prêmio. E tudo era ouro da Companhia Minas da Passagem. Nós tínhamos os jigues³⁰, as dragas tinham os jigues. Jigues eram umas peneiras por onde o material passava e puxava o material mais pesado. De três em três dias, a gente tinha que fazer limpeza nessa peneira. Ela era toda cheia de bolinhas de chumbo. A gente achava muito ouro em chapinha, conseguia dois ou três quilos de ouro. Tudo catado à mão, em chapinha.

Keka Simões – Só na hora de fazer essa limpeza?

Benedito Viana – Na hora de fazer a limpeza. A gente catava com a mão porque aquela não passava na tela. A gente catava e punha... Era tudo ouro em chapinha. Por que ouro em chapinha? Geralmente, quando sai lá de dentro da Mina, sai cravado na pedra, quase sob a forma de uma bolinha, não é? Ao passar isso na mão de engenho, batia³¹ nele, que então ficava achatado. Ele não estoura, não é? Fazia tipo uma laminação e ele virava uma chapinha.

Keka Simões – Na época do Doutor Misk, já não se fazia mais extração dentro de Mina, não é? Estava aproveitando...

Benedito Viana – O ouro do rio.

²⁶ A entrevistadora Keka Simões responde ao entrevistado com um gesto afirmativo.

²⁷ Distrito de Mariana.

²⁸ Ginásio Poliesportivo de Mariana, situado à Avenida Getúlio Vargas, no centro da cidade.

²⁹ Alexandre Misk.

³⁰ Equipamento para separar materiais de densidades diferentes mediante o movimento alternado e vertical de uma corrente de líquido (água, em geral), que faz sobrenadar o material mais leve e submergir o mais pesado.

³¹ O entrevistado faz um gesto com as mãos, simbolizando a mão de engenho comprimindo o ouro.

Keka Simões – Com as dragas.

Benedito Viana – Com as dragas.

Keka Simões – O senhor lembra em que época foi isso?

Benedito Viana – Ah! Setenta e...

Keka Simões – Setenta e poucos?

Benedito Viana – É.

Keka Simões – Até mais ou menos quando esse tipo de trabalho com draga foi feito aqui? E em que momento isso foi diminuindo?

Benedito Viana – Em 1992, 1993, já não tinha mais draga. Eles já tinham encostado uma aqui em cima, não é? E encostaram outra lá para baixo de Monsenhor Horta. Chegou a vir aqui... Ela vinha aqui na Ponte de Tábua³² e voltava lá em cima outra vez. E o minério não acabava, o ouro não acabava, porque a apuração... Eles iam modificando, melhorando os equipamentos. Então, cada vez que... Pegava-se mais.

Keka Simões – Quando trabalhou na apuração, o senhor continuou como mecânico, fazendo também esse trabalho?

Benedito Viana – É, porque eles pegavam... Quando a produção era muita, eles iam à Mecânica, pegavam um ou dois de confiança da Companhia – a pessoa que falasse menos – e levavam para ajudar. Você, para trabalhar lá, não podia chegar na rua e falar: “Hoje se apuraram cinco quilos de ouro”. Não podia falar, senão não era de confiança deles. A confiança deles era o segredo: a pessoa não comunicava, não falava nada com ninguém. Até os meus... As pessoas, os colegas falavam assim, para puxar a língua da gente: “O pagamento deve sair bem porque saiu muito ouro.” “Ah! Não sei”. Nunca podia falar. Se falasse, perderia a confiança deles. Às vezes, eles próprios mandavam a pessoa investigar a gente, perguntar para a gente. E lá eles falavam assim: “Você podia estar bem de vida, tirar para você”. Primeiro, a gente não tinha esse dom; segundo, a gente sabia que era vigiada. Lá, tudo era coberto com folha de zinco. Eles faziam furo em cima da folha de zinco e, às vezes, punham pessoas em cima da folha de zinco, olhando do furinho o movimento da gente, que estava trabalhando lá embaixo.

Keka Simões – Trabalhando na apuração...

³² Nome dado pelos moradores de Mariana à Ponte Alphonsus de Guimaraens.

Benedito Viana – É, na apuração. Observavam a gente.

Keka Simões – O senhor já falou de vários problemas. Teve alguma dificuldade, algum problema maior que o senhor enfrentou na sua vida profissional?

Benedito Viana – Na Companhia? O problema profissional maior, na Companhia, foi justamente o trabalho duro, não é? Hoje, a gente pode dizer que... Pelo trabalho, hoje a gente pode saber que também conheceu um pouquinho da escravidão. É isso. Porque a gente... Falta de equipamento, ferramentas inadequadas... Era só esforço físico que acabava bastante com a gente.

Keka Simões – Ao longo desse tempo do Senhor Júlio, da venda para parente, do Senhor Misk, houve modificação na questão do equipamento de segurança?

Benedito Viana – Não. Nunca teve nem uma luva, como se diz, para a gente pôr na mão! Nunca pensaram comprar. Eles só visavam ao lucro. Não visavam a melhoramento nenhum para funcionário.

Keka Simões – O senhor tem alguma alegria, alguma lembrança boa do dia-a-dia com os colegas?

Benedito Viana – Ah! Na oficina a gente tinha muita alegria! Eu, pelo menos, era considerado o mais moleque de lá, porque brincava muito...

Keka Simões – É?

Benedito Viana – Esse negócio de ficar roubando merenda! [riso]

Keka Simões – Ah, é? Roubava merenda um do outro?

Benedito Viana – Roubava merenda, esse troço todo, a gente tinha muita... Fazia biscate que... Sabe o que é fazer biscate?

Keka Simões – Não. O que é?

Benedito Viana – Biscate é... “Eu quero fazer uma faca para levar lá para a minha casa”. Uma colher, aqueles [masseiros]³³ de coar café... Fazia isso tudo lá, escondido, não é? Teve uma vez... Toda vida, eu tive muita criatividade para fazer as coisas. Eu peguei uma folha de [inaudível] e modelei de alumínio...

Keka Simões – Uma folha de quê?

Benedito Viana – [inaudível].

Keka Simões – [Finco]³⁴?

³³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁴ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Benedito Viana – É. E modelei uma, com aro de alumínio. Com aquilo eu fiz a bandeja de baixo, fiz a parte de cima e fiz uma haste cromada; torneei e fiz de bronze. Um chefe – eles me perseguiram bastante – me viu fazendo aquilo. Foi lá e me entregou para o chefão geral, Nilson Rapallo. Eu estava distraído, estava lá distraído, mexendo... Aí ele me pegou. Para poder servir de exemplo, ele passou comigo no meio da oficina toda, com aquilo na mão. Me fez levar e botar em cima da mesa dele, no escritório. Colocou, ficou lá em cima da mesa. Ficou servindo de exemplo para todo mundo da oficina. Mas a minha sorte era mais do que a dele, sabe? O diretor da Companhia tinha umas irmãs que moravam em São Paulo, e as filhas também. Elas vieram passear aí no Natal. Chegaram e viram aquilo. Viram que aquilo era uma obra de arte; acharam bonito. Uma perguntou: “Quem fez isso aí?” “Ah! Foi um funcionário.” “Chama ele aqui”. Fez me chamar lá em cima: “Tem jeito de você fazer mais um?” Eu falei: “Tem”. Então... “Você o autoriza a fazer tantas que é para eu levar para São Paulo”. Eu gostei e falei: “Tudo bem. Faço, sim senhora, se o chefe autorizar”. O chefe autorizou, eu desci com ela e falei assim: “Agora, quem quiser é só pedir. Vou fazer para todo mundo!” Porque... “Agora já estou com a autorização”. [risos]

Keka Simões – De umas lembranças a gente acaba rindo, não é? Alguma data era comemorada pelos funcionários? Algum dia se tornava feriado?

Benedito Viana – Vinte e nove de julho: era a data do aniversário do diretor da Companhia.

Keka Simões – Do Doutor Júlio?

Benedito Viana – Do Doutor Júlio.

Keka Simões – Aí não funcionava?

Benedito Viana – Não funcionava e era festa o dia inteiro: corridas de antigamente – corrida de saco, corrida com ovo na colher –, jogos de futebol... Naquele dia, mandava repartir cobertores para os mais pobres, para as pessoas mais pobres, entendeu? E, à noite, dava um churrasco para os funcionários. E tinha a Festa de Santa Bárbara³⁵ dentro da Companhia, que era muito bonita também.

Keka Simões – Ah, é? Tinha Festa de Santa Bárbara?

³⁵ No dia quatro de dezembro, comemora-se o dia de Santa Bárbara.

Benedito Viana – Festa de Santa Bárbara. A Santa Bárbara ia lá para o fundo da Mina em um carretão, toda enfeitada e iluminada. Ficava todo mundo esperando na boca da Mina. Ela vinha devagarzinho, até chegar à porta da Mina. Chegava à porta da Mina e soltava-se bastante foguete. Aí eles iam acompanhando até a igreja, celebrava-se a missa e voltavam para dentro da Companhia onde é... Você já foi à Companhia? Já, não é?

Keka Simões – Já.

Benedito Viana – Pois é. No escritório, tem ela de lado ali. Ainda é aquela.

Keka Simões – É aquela mesma que está lá.

Benedito Viana – É aquela Santa Bárbara, a padroeira dos mineiros.

Keka Simões – Nesse dia, na hora em que ela subia da Mina, em que se soltavam fogos, tinha banda também?

Benedito Viana – As duas bandas³⁶. As duas bandas eram tradicionais em Passagem de Mariana, toda vida. Meus quatro irmãos, todos eram músicos. Inclusive meu filho começou a estudar música na Corporação Musical Santa Cecília. Depois abandonou a banda. No ano que vem, vai se formar na Universidade de Ouro Preto³⁷, como professor de música. Não sei se vocês o conhecem: Cidione³⁸, ele [inaudível]. Ele toca... Até um chorinho aí desses meninos toca com ele. Então, é por intermédio da banda.

Keka Simões – Na época em que a Companhia Minas da Passagem funcionava a pleno vapor, como era Passagem de Mariana? Era diferente de hoje?

Benedito Viana – O pessoal mudou, não é? Não é aquele pessoal da Companhia. Você não vê mais ninguém da Companhia, a não ser uma meia dúzia de gatos pingados, como diz o outro. Agora você... Só o pessoal da Vale³⁹, de outras firmas, da ALCAN⁴⁰. Mudou nesse sistema. Movimento de carro, não tinha aquele movimento de carro dentro de Passagem. Mudou completamente.

Keka Simões – Até que data o senhor ficou na Companhia?

Benedito Viana – Até que data, em Passagem?

³⁶ Corporação Musical Santa Cecília e Banda São Sebastião.

³⁷ Universidade Federal de Ouro Preto.

³⁸ Nome sujeito à confirmação.

³⁹ Companhia Vale do Rio Doce.

⁴⁰ A ALCAN era uma fábrica de alumínio localizada em Ouro Preto. Atualmente, chama-se Novelis do Brasil Ltda.

Keka Simões – É, em Passagem.

Benedito Viana – Em Passagem, eu acho que fiquei até 1978.

Keka Simões – Depois o senhor foi...

Benedito Viana – Fui para a ALCAN.

Keka Simões – O senhor foi trabalhar na ALCAN?

Benedito Viana – Fui trabalhar na ALCAN.

Keka Simões – Quando a Companhia parou de extrair ouro, isso modificou a vida dos moradores de Passagem? Isso trouxe algum problema para a cidade?

Benedito Viana – Já não trouxe mais, porque o pessoal já não tinha a Companhia como prioridade. Muitas firmas já existiam aqui perto, então aquilo não foi um choque. Ninguém já acreditava muito na Companhia, não é?

Keka Simões – Eder, você tem alguma coisa para perguntar?⁴¹ Tem alguma outra coisa que eu não perguntei e que o senhor gostaria de...

Benedito Viana – Trabalhava muita gente aqui de Mariana...

Keka Simões – Lá?

Benedito Viana – Em Passagem. E tinha a tal de jardineira – tipo um ônibus de madeira, que trazia o pessoal aqui e levava para...

Keka Simões – E levava para trabalhar.

Benedito Viana – E levava, é. Inclusive as professoras. Na época, as professoras também costumavam ir nessa condução, para dar aula para as crianças, em Passagem.

Keka Simões – O senhor falou que o Grupo foi construído pelo Senhor Júlio. Essas professoras eram pagas pela Companhia ou pelo município?

Benedito Viana – Pelo Estado. Lá, o Grupo sempre foi estadual.

Keka Simões – Mas elas usavam a jardineira?

Benedito Viana – Usavam a jardineira.

Keka Simões – A jardineira era de graça?

Benedito Viana – Era de graça.

Keka Simões – Bom, no momento não tenho mais nenhuma pergunta a fazer para o senhor. Em nome do Trem da Vale, gostaria de agradecer muito a entrevista. E dizer que a gente também vai estar às ordens se o senhor se

⁴¹ O monitor indica com um gesto que não tem perguntas.

lembrar de outras pessoas e quiser nos ajudar neste projeto. A gente vai gostar muito.

Benedito Viana – Certo.

Keka Simões – Muito obrigada.

Benedito Viana – De nada.

[Término da entrevista]